

## Velhez, a vida como obra de arte

Silvana Tótor. *Velhice, uma estética da existência*. São Paulo: Educ, 2015, 230 p.

**Edson Passetti**

Professor e pesquisador no Depto. de Política e Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP e coordenador do Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária). Contato: [passetti@matrix.com.br](mailto:passetti@matrix.com.br).

Em março de 2016 chegou às livrarias um livro que produz silêncios, redimensiona e inventa solidões, instiga aos cuidados de si, ao trágico e convida o leitor a afastar-se do seu *eu*. Blanchot lembrava que nada é mais intenso do que *ele sofre* diante do *eu sofro*. Viver pode ser alegria, uma atitude para deixar para trás a utilitarista relação entre prazer e dor que nos pretende governar. Viver como devir criança, atravessando a cronologia e os concertos que nos dispõem próximos ao desgaste produtivo, como velhos ou idosos, consertados ou meros estorvos reduzidos a pensões previdenciárias, míseras poupanças, caridades e abandono. As conquistas científicas e as políticas compensatórias contribuem para uma maior longevidade quando não somos pegos pelas doenças fatais, os acidentes, o abandono, o esquecimento ou mesmo o suicídio.

É preciso romper consigo e com o destino cronológico atribuído pelo determinismo sobre a vida biológica consagrado em nossa cultura que coloca o velho e a velha em escaninhos surrados à espera da morte. No passado, velhice podia ser sinônima de sabedoria, coisa de filósofo metafísico disseminado pela história evolucionista do Homem. Mas também identificava o empecilho, o insistente vivo improdutivo, ranzinza, ou eventualmente piadista, doido mortificado. Mais recentemente o velho (a) passou a ser visto(a) como *idoso(a)*, para o qual se destina uma suposta qualidade de vida voltada a ocupá-lo no consumo, nas *oficinas de lazer*, nos planos de saúde, neste tudo isso destinado a lhe dar mais segurança e *conforto* na persistência em permanecer vivo.

É para o idoso que também se destinam os seguros de saúde para

governar suas infinitas doenças sobre o corpo e a mente. Seu corpo murcho e enrugado, segundo as suas poupanças ou o seu poder aquisitivo, deve atingir certa qualitativa saúde com ginásticas, danças, medicamentos, reflexões exotéricas, religiões, cirurgias plásticas, rejuvenescimentos. Para ser reconhecido como saudável este corpo deve aparentar menos idade cronológica que tem, o sorriso deve estar estampado nos encontros, as memórias enfadonhas de bons tempos compartilhados com outros iguais episodicamente reavivadas, ou seja, seja igual parecendo ser diferente daquele velho ou velha acabrunhado ou demente. Sem poupanças ou poder de proprietário, o corpo jovem ou velho, ou mesmo de crianças, vaga capenga pelas avenidas, ruas e vielas como monstrengo a assustar, desviar olhares, para ser acusado, recolhido, preso, como suspeito de tudo que ameaça a segurança da sociedade *livre*. É o corpo embrutecido, deformado, sujo, maltrapilho, de mente conturbada, refratário a valores, prevaricador, obsceno.

Silvana Tótora instaura com esse livro uma batalha contra convenções a respeito da velhice e de sua nova nomenclatura como idoso. Apresenta ao leitor sua pesquisa a partir de

seus resultados sempre móveis e inconclusos, publicados em livros e revistas, curiosamente *menores*, como é a sua reflexão densa e tensa, rigorosa e inventiva, trágica e cômica, séria e repleta de boas risadas, com corpo e olhos, linguagem e línguas sensuais. A propósito, a sensualidade atravessa o livro não para indicar um lugar comum para o sexo, mas para sublinhar o erotismo da presença de corpos em “silêncio bruto e pulsante” (p. 220), na solidão a dois, uma solidão povoada. Nada de velhice, mas de *velhez* como ela situa no ensaio “Manoel de Barros: o devir criança da velhice”: “idoso remete à sabedoria, aquela sabedoria adquirida ao longo da vida e que confere aos seus portadores certa autoridade. Sabedoria acumulada é como ateroma nas paredes dos vasos sanguíneos, provoca esclerose. Bem, acho que podemos adotar a *velhez*” (p. 208), seguindo a sugestão do poeta: *minha velhez não tem embrião*.

Não se lê poesia, romance e se vê filmes, apenas com olhos abertos, bunda na cadeira, com pipoca ou alimentos para o corpo. Um corpo que senta, levanta, deita, vira e se revira na poltrona, no colchão, na cadeira, na rede e cruza pernas, braços, coça a epiderme, ajeita o cabelo, mete o

dedo no nariz ou no ouvido, range dentes, tosse, cospe, limpa os dentes ou desloca a dentadura frouxa, peida, é um corpo para Silvana Tótoro no que pode a velhice, respondendo à indagação de Espinoza. Este corpo está na fronteira, habita os limites, atravessa a convenção como a geografia antes de ser colonizada pela política territorial; está nos espaços nômades, na ciência nômade, dentro da história e fora dela como devir.

Não se lê poesia, romance ou se vê um filme sem uma perspectiva, ainda que a convenção nos recomende o universal ou o produto. Pelos universais não há nada mais que a celebração convencional: uma catadora de lixo seria uma doente mental; um poeta esquecido por muito tempo apenas um efeito compensatório da aclamada crítica literária; uma escritora-poeta transgressora, um caso à parte; filmes sobre velhos, apenas eventuais filmes sobre velhos e velhas contornando o melodrama, distribuindo comiseranças e afinando sensibilidades previsíveis. Com Silvana Tótoro, o que se pretendia universal, visível e camuflado se metamorfoseia em estilos de vida. Jeitos de existir diante da miséria, das convenções, com suas rugas e olhares, maus cheiros e odores

íntimos, supressões de formalidades gramaticais, estancamento de palavras, novas palavras, outras palavras e imagens. Os velhos e as velhas não são revisados como idosos, produtos, mas apanhados em instantes e acontecimentos de vida, muitas vezes miseráveis como as de Estamira ou de Mija, precárias como as de Alvin e Lyle, reversas como as de Amós e Isaiah, soltas e em liberações pelos filmes de Marcos Prado, Lee-Chang Dong e David Lynch, o romance-poesia de Hilda Hilst, nas palavras das ignoranças de Manoel de Barros. Silvana Tótoro expande a perspectiva acompanhada do fogo heraclítico, a filosofia a marteladas de Nietzsche, a generosa de Deleuze e Guattari, a inquieta de Espinoza e a estranha, propositalmente desconcertante, de Michel Foucault. O cuidado de si não se aparenta ao formal e ao hedonismo, nem pode ser capturado como autoajuda, recomendações normativas ou embelezamento para um portador de direitos se empoderar no empreendimento.

O livro nos situa no interior e na presença do *fora* imprescindível que essas filosofias arruaceiras alertam e que não se dispõem a proporcionar oxigenações à velhice das ciências humanas com seus saberes atuais tão

afeitos em permanecer sábios idosos rejuvenescidos. As ciências humanas estão habitadas por jovens e velhos atrofiados em corpos que visivelmente esbanjam certificados de saúde. Talvez sejam a evidência de como se acomodam em esquifes de luxo acoplados a equipamentos eletrônicos de última geração para reprisar as mesmas e redundantes *sabedorias* em um concílio supostamente laico. Ao proferirem o *mesmo*, acomodam-se em seus suntuosos ataúdes. O esquife, paradoxalmente sem produzir silêncio no corpo que ali jaz, mas proporcionando e disseminando uma algaravia de citações, evidências empíricas repaginadas, palavras ocas, imagens repetitivas e cordatas sob o signo da consistência transcendental de um morto reavivado: teatro do absurdo.

O livro *menor* de Silvana Tótorá não será notado por essa *academia* de circunspectos da ciência régia. Ainda bem. Mas certamente daqui uns 50 anos ainda haverá um jovem ou alguém na velhez que o abrirá, lerá e com ele conversará. Trata-se de um livro e de uma pesquisadora para a coexistência e não para serem compartilhados. Mas as coisas se transformam e talvez, até lá, não estaremos mais interessados em corpo velho ou idoso, mas na vida-criança.

A um certo momento, quase ao final do livro, Silvana Tótorá diz, naquela data, ter sessenta anos. Ela é uma *senhora* pesquisadora debruçada sobre si mesma e o faz com tamanha elegância que nos convida a nos inclinar sobre nós mesmos, distorcendo o eixo, abalando a gravidade. Nada de doença a nos governar, mas da saúde na doença, do mesmo modo que não temos como esquecer que toda saúde também traz consigo a doença; nada de dialética, de comparações compreensivas, nada de estruturas ou soberanias. Pensar as humanidades sem ciência régia, arte sem convenções estéticas herdadas do aristotelismo e das funções platônicas, mas como vida, e vida para fora do biológico, da bioquímica, da biopolítica, dos órgãos e dos organismos.

O livro de Silvana instiga à pesquisa *menor*, da vida pulsante nos acontecimentos, liberta de origens e, como “Estamira não se acusa a vida, nem a Terra, mas o Deus transcendente. Ele o ‘trocadilo’, como diz, é ‘nossa maior mentira’. Esse Deus ‘inimigo, traidor (...) seduziu os homens, para jogá-los no abismo” (p. 155). E acrescenta-se: “em suas orações, às avessas, Estamira não agradece, mas acusa;

não tem medo, blasfema. Ela incluiu em seu ataque não somente Deus, mas a ‘quadrilha de poderosos que o inventaram’” (Idem). Estamira é um ataque frontal à defesa do perdão por Hannah Arendt, posto que nas *marteladas* de Nietzsche o perdão nada mais é que o regime da dívida infinita. Se o pesquisador se remexe com as duas primeiras partes deste livro, na terceira e definitiva dá de cara com o exercício do pensamento sobre o pensamento avançando pelas artes acompanhando literatura, cinema e linguagens: ler e ver filmes por *fora* das celebrações acadêmicas, dos mestres-sacerdotes e de sua carneirada de discípulos.

Silvana Tótorá, além de pesquisadora rigorosa em suas investigações repletas de reflexões filosóficas à deriva, tão rejeitadas pelas ciências humanas ancoradas em pressupostos soberanos, é professora no Depto. de Política na PUC-SP, e nos Programas de Pós-graduação em Ciências Sociais e Gerontologia, e possibilita aos estudantes recusarem a condição assujeitada de alunos. Esbanja devir-criança. É muito pouco sem parecer ser modesta (somente os lúgubres guardiões dos saberes apreciam a modéstia, o comedimento, a medida dos prudentes traduzida

em subserviência). Ela sabe como se produzem as verdades e o poder na academia, na pesquisa, no escaninho *idoso*, no balcão de portadores de direitos que está se tornando a universidade. Ela não é uma colega, ou parceira, é amiga por dentro e por *fora*. “A escrita como a vida é pura invenção de outros possíveis” (p. 11), na solidão povoada por muitos, ou alguns, Silvana?

Sim, a *senha* para o discurso ser aceito, como distingue em sua Introdução, “é a defesa do envelhecimento com ‘qualidade de vida’ para uma ‘velhice ativa’” (p. 12), para “uma saúde normalizada” (Idem). Que fiquem com ela, pois para além e aquém deste discurso supostamente hegemônico estão os inventores de *menores potentes*. Nada de ser majoritário, segundo as convenções democráticas pluralistas em moda, mas produtor(a) de muitos menores potentes para germinar no deserto, nas lavas e polinizar. Ou, em suas palavras, aprendendo com Deleuze, e nos ensinando a aprender, e a elaborar um conceito: “uma velhice... existência como dobra do tempo do acontecimento, atualizando, a cada momento vivido (*kairós*), a vida como [d]obra de arte” (p. 15). A seu modo, juntos e separados

estão Deleuze, Foucault, Nietzsche e Espinoza nos acompanhando na potência da velhice, essa velhez, segundo Manoel de Barros.

O percurso metódico e imprescindível está traçado na primeira e segunda *partes* do livro

prefaciado por Denise Bernuzzi de Sant'Anna, nas palavras de Elizabeth Frohlich Mercadante na chamada *orelha* com mil ouvidos e, sem dúvidas, na vida de Silvana com o companheiro Joaquim.